

# O HOMEM LIVRE

S. Paulo, 2 de Setembro de 1933  
Redator-chefe:  
GERALDO FERRAZ  
ASSINATURAS:  
ANO 20000  
SEMESTRE 10000  
NUMERO AVULSO \$200  
Rua do Carmo, 11 - 1.º andar  
Ano 1 N.º 13

## As peculiaridades do fascismo nacional

## Onde o patrão é rei, e o trabalhador não tem direito á palavra

## 'Quando ouço a palavra "cultura" armo o gatilho do meu revólver" (Do "Schlageter", drama nazista de Hanne Jost)

O fascismo brasileiro não podia deixar de apresentar particularidades interessantes. Antes de tudo causa espécie o numero de candidatos ao "título de Duce" que vão aparecendo. Até o sr. Irineu Machado, segundo noticia ha dias publicada, pretende concorrer ao disputado páreo. Entre os nossos fascistas mais fogosos, contudo, alguns existem a quem não se poderia com propriedade chamar desde já de candidato a "Führer". Nesse numero está o sr. Menotti del Picchia, companheiro inseparavel do chefe integralista no tempo do verde-amarelismo e do P. R. P. Ele, entretanto, aparece com idéas próprias, divergindo fundamentalmente do anti-go correligionario.

O sr. Plínio Salgado, como o general Gois Monteiro e outros, apresenta como pretexto ou justificativa principal para a implantação da ditadura do "manganello" no Brasil a ameaça que seria iminente de desagregar-se o país. O sr. Menotti não pensa assim. Está nesse particular até de acôrdo com a tese que defendemos: uma ditadura fascista aqui aceleraria ao maximo o processo de desintegração. Mas nem porisso ficou prejudicado o ardor fascista do autor de "Juca Mulato". Muito ao contrario. Sob a capa de uma "confederação" destinada a não assustar muito os nacionalistas-brasileiros, ele quer a divisão do Brasil em 21 "Fascios", com 21 "Duces". E' o que ele declara sem rodeios.

Não é essa, entretanto, a unica originalidade que apresenta o cantor da "Revolução Paulista". Num artigo que publicou ha tres ou quatro dias ele faz afirmações capazes de inutilizar toda a sua carreira. O fascismo, no meio de toda a sua confusão demagogica, apresenta-se em todo o mundo, e isso em consequencia da sua natureza reacionaria, como uma reação do "espírito" contra o que chamam o "materialismo marxista". Pois o sr. Menotti procura justificar o seu fascismo com o que entende por marxismo... E, para agravar o seu caso, mostra acreditar num fatalismo que nada tem de marxista. Fascista mais consciente da missão que se esforça por desempenhar é sem dúvida, o "duce" integralista, que afirma tudo o que for preciso no interesse de sua demagogia. Ele diz que para "o marxismo não existe o homem existe o fato". Nisto está de acôrdo com Menotti, mas acrescenta: "Nós cremos na intelligencia humana, na aspiração do Espírito, na capacidade de ação do homem". "O integralismo aceita a idéa de Deus". "Temos de restaurar o primado do Espírito". "A democracia é culpada de tudo". "O inconsciente não erra". Isso é que é ser fascista...

do desenvolvimento historico as quais Marx foi o primeiro a constatar, permite, ao homem, em determinadas épocas da historia, intervir decisivamente nos acontecimentos. O que se passa presentemente no mundo é a esse respeito de uma eloquencia impressionante. Existindo objetivamente todos os elementos para o advento de um regime que conduz em linha réta á emancipação da humanidade, a carencia dos fatores subjetivos (partidos, etc.), e isto em ultima análise devido ao retardamento da aquisição, por parte das classes trabalhadoras, da consciencia de sua posição na sociedade, assim como do processo historico, faz com que a humanidade esteja ameaçada de um retrocesso á barbaie feudal. Ao contrario do que pensa o sr. Menotti, cuja boa fé não garantimos, Mussolini e Hitler não representam de nenhum modo necessariamente os interesses de uma sociedade em transição. O que eles representam e encarnam é a resistencia desesperada de um regime economico que já não oferece nenhum elemento de progresso, e, em consequencia de uma classe condenada a desaparecer. E essa reação é possível somente por motivo da carencia dos fatores subjetivos a que aludimos. Os marxistas sabem que a consciencia retarda sobre a vida.

No final de contas, e talvez mais cedo do que se espera, a historia se livrará, está claro, do broque incomodo do fascismo, forma odiosa e bestial de dominio de uma minoria que procura, servindo-se do mais baixa demagogia, manter no obscurantismo que lhe é condição de vida a grande maioria das populações.

Depois de ter fascistizado os sindicatos, os nazis deixaram cair aos poucos as frases bonitas com que, antes da subida ao poder, diziam salvaguardar "os interesses do proletariado".

Agora, julgando-se solidamente assentados no lugar de mando, mostram a sua verdadeira face.

No numero 161 do "Völkischer Beobachter" de 10 de junho o nosso conhecido dr. Ley, chefe da "frente alemã do trabalho" — e como tal imposto por Hitler á classe operaria da Alemanha — publicou um artigo sobre a futura situação nas empresas.

Nesse artigo diz-se o seguinte — "A estrutura corporativista — antes de mais nada — entregará novamente a direção da fabricas ás mãos do seu diretor natural: o empregado, que será encarregado tambem da inteira responsabilidade.

"O conselho de empresa de uma usina será formado dos operarios, dos empregados, e do patrão.

Mas esse conselho terá somente o voto consultivo.

O direito de decisão pertence unicamente ao patrão."

Agora, isso prescinde de todo e qualquer comentário E' no entanto importante reter que, com o advento do fascismo, o patrão tornou-se ditador absoluto da fabrica e que o chamado conselho de empresa acabou virando sorvete. O tal voto consultivo é apenas uma tapeação.

LONDRES, 1 (H.) — O "Manchester Guardian" comenta em termos indignados o assassinio em Praga do professor Theodor Lessing, antigo lente de filosofia da Escola Superior Técnica de Hamburgo.

"A maneira por que a imprensa alemã acolheu essa noticia — acentua o jornal — é ainda mais surpreendente do que o assassinio."

"A morte do professor Lessing acrescenta nova proeza á lista de crimes cometidos pelos nazistas contra refugiados politicas. As provocações que o precederam e o jubilo que provocou lançam uma luz sinistra sobre a atmosfera moral da Alemanha nazista."

## Variações sôbre o tema

Com um decreto especial, o governo hitlerista acaba de condenar como traidor da patria o antigo chanceler Felipe Scheidemann.

O fato merece particular registro, constituindo um caso clamoroso de ingratitude e de injustiça.

Os nazistas demonstraram-se ferozes contra um individuo a quem deveriam levantar uma estatua em cada praça publica do Reich.

Scheidmann, mais do que ninguém (a não ser talvez Gustavo Noske, o "cão sangrento" dos massacres anti-proletários) trabalhou com afinco e tenacidade para abrir caminho ao fascismo e para perseguir e desmoralizar os partidos do proletariado.

Traidor da patria esse laçao do Kaiser e dos magnatas da grande industria?

Traidor da patria, isto é, da burguesia, esse demagogo cínico que, em lugar de ordenar o fuzilamento do Kromprinz, de Ludendorff, de Tysen e de Hugenberg, deixou assassinar

Carlos Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Kurt Eisner, Leo Josiche e milhares de outros conhecidos e ignorados militantes da classe trabalhadora?

Traidor dos operários, sim; da patria burguesa, nunca!

Portanto Hitler foi sumamente injusto, ao pagar com bofetadas e pontapés os serviços prestados por aquele que, juntamente com Liegion e Ebert, vendeu o proletariado alemão, por atacado e a varejo durante anos a fio.

Mais ingrato ainda foi Hindenburg. O velho marechal monarchista devia lembrar-se, pelo menos, que Felipe Scheidemann foi o seu cabo eleitoral mais devotado e mais eficiente na ocasião das ultimas eleições presidenciais.

E no entanto, assinou um diploma de infamia para o homem que lhe conservou a poltrona de presidente da republica.

Não ha mais justiça no mundo!

Os partidários do "fuehrer" esqueceram-se por completo daquilo que se passou na Alemanha quinze anos atrás. Quem, naquê tempo esbarrou o caminho ao proletariado que voltava das trincheiras decidido a tomar o poder nas suas mãos, não foi Hitler, não foram os "capacetes de aço", mas sim a social-democracia, essa social-democracia que não trepidou em abrir o fogo contra os trabalhadores para salvar a vida, as propriedades e os privilégios dos príncipes e dos capitalistas.

Na Alemanha, muita gente perdeu a memória, ao que parece.

E na Europa também. Os reacionários do Velho Mundo, que hoje batem palmas a Hitler, teriam que lembrar-se do periodo crítico de 1919-1920.

Então, o duce austriaco, estava bebendo cerveja nos cabarets de Munique e o salvador da patria burguesa chamava-se Noske.

Aquilo que acaba de se dar na Alemanha já teve os seus precedentes na Bulgária e na Italia.

Na Bulgária, depois da derrota de 1918, somente o prestigio e a habilidade de Alexandre Stambuliski conseguiram conservar o velho estado de coisas.

## HA EM S. PAULO JORNALISTAS QUE QUEREM A CENSURA A' IMPRENSA!

Nos ultimos dias deu-se um phenomeno interessante na imprensa paulistana. Dois jornalistas, um do "Diario Popular", outro, do "Diario da Noite", se saíram com uma escrita complicada, pedindo, ambos, publicamente, a censura á imprensa, como coisa necessaria.

Da inadvertência incoerente do jornalista Carlos Lamberg, o mesmo que se bateu pela liberdade de imprensa em recente congresso de jornalistas, mudança de atitude e de opinião que só se compreenderia se houvesse interesses mais altos a defender, ao artigo conciente do jornalista Oswaldo Chateaubriand, a 18 de agosto, temos duas extremidades de uma mesma orientação politica, que poderia servir, maravilhosamente, nas mãos de um governo que precisasse cifrar em atos de violência, as condições de sua estabilidade.

Não discutiremos a inconciencia do sr. Carlos Lamberg.

Mas o sr. Chateaubriand, o campeão da campanha da Aliança Liberal, que clamava como um Adamastor de pequeno porte, contra o esta-

do de coisas existente antes de 1930, não tem razão, na argumentação teórica que apresenta, a favor da censura á imprensa.

Tirando a parte de anedota de seu artigo, onde se vislumbra a complacencia das autoridades, ao tratarem o sr. Chateaubriand com pescadinha grelhada, o que naturalmente teria seduzido o gastrônomo que ele é, a parte de argumentação, propriamente dita, não vai lá das pernas. Está longe, muito longe mesmo, o liberal de 1930, do reacionário de 1933. O jornalista alega as celebres razões de Estado, para pedir a censura. Entretanto, logo de inicio, pôde-se contraditar, que razões de Estado são bem suficientes, sem censura, para impedir que a imprensa não dê curso a noticias e comentários desfavoráveis á estabilidade do regime, fazendo criticas aos magnatas dos negócios do momento, ou destruindo as reputações dos grandes homens da nacionalidade. Tarefa ingloria, essa, para a imprensa que pertence á mesma categoria de tais espantinhos, é propriedade de magnatas que tais,

luta pelos interesses superiores das classes dominantes, que são sempre os "altos interesses da coletividade", e está integrada nas "elites conservadoras", de quem mantem o "prestigio da autoridade".

Não existem, entre nós, os poderosos "agentes da anarquia" capazes de descontrolar o Estado. Este acesso de imaginação, que enche de pavorosas visões os dias do sr. Chateaubriand, não justifica o ponto de vista tão a contra gosto defendido. Temos de admitir que o sr. Chateaubriand não quer que exista uma imprensa, senão a imprensa oficial. Então, ele deveria fechar os seus jornais e pedir um lugar no "Jornal do Estado", ou mudar de profissão. De outro lado, teriamos de admitir que a pena do combatente da campanha liberal vitoriosa em 1930, desvirilizou-se, e pede a censura, para poder refugiar-se na obscuridade a que está condenada, pela sua impotencia diante da nossa época de transformações.

J. MORAIS REGO.

(Continua na 2a. pag.)

# O "BATISMO PATRIOTICO" E O OLEO DE RICINO

(Memorias de  
um antifascista)

Publicamos, a seguir, outro capítulo do livro que o antigo deputado italiano Emilio Lussu acaba de publicar na França:

"Terranova é uma cidadezinha marítima do norte da Sardenha. A sua população era na maioria antifascista, excetuando-se algumas famílias de comerciantes. Estes puzeram-se em relações com os fascistas de Civitavecchia e com eles organizaram uma expedição punitiva.

Duzentos fascistas armados de fuzis, bombas e metralhadoras e munidos de quatro padiolas, partiram de Civitavecchia. A partida deu-se de improviso, á tarde, no navio postal. Somente a Policia estava ao par do que se passava, devendo-se operar de surpresa.

O paquete chegou a Terranova ao amanhecer do dia seguinte. Quando nas ruas as bombas começaram a explodir e as metralhadoras a crepitar a população, de nada suspeitando, dormia ainda. Divididos em grupos, os fascistas cercaram as casas dos anti-fascistas, forçaram-lhes as portas, invadindo as casas.

A "guarda real" e os "carabineiros", industriados de antemão, não saíram de seus quartéis.

Cerca de trinta antifascistas foram surpreendidos na cama e carregados pelas ruas. Os outros conseguiram abandonar as casas, fugindo pelas janelas e telhados, e alcançaram os campos.

As sedes das organizações dos operários, das associações de ex-combatentes e dos mutilados de guerra foram todas saqueadas. A luz do sol viu a cidade já conquistada. O sucesso tinha sido garantido pelo segredo. Os opositores capturados foram conduzidos á praça central da cidade. Eram quasi todos antigos combatentes da guerra. De camisa e descalços, foram obrigados a desfilar no meio dos fascistas.

A reunião geral era na praça central. Foi ali que logo depois se iniciou a cerimonia habitual do "batismo patriótico".

Era uma cerimonia que desde muito tempo os fascistas da Italia setentrional e central vinham praticando. No "batismo" a agua benta era substituída quasi sempre pelo oleo de ricino que o neofito devia tragar á força. Muitos d'elles, em Turim, Milão, Florença e Bolonha, eram obrigados a beber até um litro. Caso o neofito cedesse á primeira injunção a cerimonia era rapida, mas se elle resistia a "operação" complicava-se. Muitos anti-fascistas foram mortos por terem recusado beber. Mas na maior parte dos casos não se chegava a esses extremos. Após tê-lo reduzido á impotencia, abriam a boca do rebelde, ás vezes com aparelho especial que os esquadristas veteranos haviam inventado e patenteado. A "Squadraccia" de Florença, tornou-se celebre por isso. Nos casos de resistencia mais obstinada empregava-se, como nas clinicas, a sonda. A dose de oleo era regulada escrupulosamente, segundo a obstinação do hereje e a medida de sua heresia. Em alguns casos juntava-se a oleo de ricino petroleo ou gasolina, e até mesmo tintura de iodo. Os casos de doenças graves e de morte em consequencia de semelhante tratamento não foram raros.

As mulheres não eram excluídas dessas ceremonias, reservadas habitualmente aos homens.

Na Sardenha ainda ninguém fóra batizado com esse proces-

so. Inaugurava-se, portanto, o sistema em Terranova. A ilha seguiu sempre com atraso os progressos da "civilização" nacional.

Os fascistas, prevendo que as farmacias locais não teriam uma quantidade sufficiente de oleo, tinham levado consigo uma consideravel provisão. A organização do ponto de vista logico, fóra perfeita. Nem mesmo faltava á expedição um capelão militar, que participára da guerra.

A cerimonia começou ao rufar dos tambores. O comandante da expedição fez um curto discurso. Depois, apoiando o revolver na frente do primeiro prisioneiro que lhe caiu nas mãos, pronunciou a frase sacramental: "Bebe, em nome da patria". Um após o outro, beberam todos, alguns com repugnancia, outros com desenvoltura. Somente um, um camponez antigo combatente, recusou. Essa recusa surpreendeu o comandante, que logo pediu explicações. Mas o campones havia concentrado toda a vontade na decisão de resistir e não falou. De nada valeu a ameaça do revolver. Os fascistas sentiram-se feridos na sua dignidade e queriam executa-lo sumariamente.

— Morra — gritavam.

Na praça as mulheres choravam e gritavam aterrorizadas.

O comandante deu ordem de silencio, e mandou tocar os tambores. Depois, repetiu, pela ultima vez, com solenidade, a ordem de beber. O campones tinha perdido a paciência. Olhou bem na cara do comandante e gritou uma palavra que os dicionarios puritanos não admitem, calando-se novamente. Mas aquilo era sufficiente. A santidade do "batismo" fóra contaminada.

O comandante não era, porém, um sanguinario.

— Um bom golpe na cabeça! — ordenou a seu ajudante. Este era uma especie de gigante, carregado de insignias e fitas. Com gesto rapido, agarrou o "manganello" e com as duas mãos o arremeteu na cabeça do impio, que caiu desmaiado. O homem foi levado embora de padiola.

A cerimonia parecia estar no fim. Entre os prisioneiros havia um dos chefes da opposição, um advogado socialista democratico. Tinha sessenta anos e uma saude precaria. Uma familia numerosa e o instinto de conservação haviam-no obrigado naquela manhã, a uma submissão que não tinha nada de heroico. Bebera tambem ele o oleo de ricino: dose dupla — meio litro — devido á importancia da pessoa. Surpreendido na cama, estava quasi nu e sofria, devido ao rigor da estação mais que os outros. Tinha decidido beber, estoicamente, de olhos fechados, porque esperava que, depois de se ter submetido, seus perseguidores permitiriam que voltasse para casa. Ignorava que fóra destinado a ser o "clon" do programa. Mas logo o soube. Uma vez terminada a cerimonia, o comandante mandou colocar uma grande mesa no meio da praça e convidou o advogado a subir, e pronunciar um discurso elogiando Mussolini. Geralmente, não é difficil, nem penoso para um advogado exprimir ideias opostas ás proprias ideias. Mas o advogado apelara para o ultimo resto de dignidade e, calmo, respondeu que não falaria.

— Deixa de fitas — replicou o comandante — Empregasteis

toda vossa vida a ensinar mentiras, e agora quereis vos esquivar a dizer uma palavra de verdade?

E ordenou ao ajudante dar-lhe com moderação dois golpes de "manganello". O pobre homem apanhou sem dar um pio.

Enquanto se desenrolavam essas operações preliminares, duas filhas do advogado chegaram á praça: uma criança e uma moçinha de quinze anos. As mulheres de casa, não sabendo onde elle havia sido conduzido, tinham saído á sua procura. As duas filhas tinham-no encontrado antes, e tendo conseguido passar por entre os fascistas, chegaram até o pai e abraçaram-no chorando. O encontro não emocionou o comandante, que fez afastar as meninas e convidou novamente o advogado a falar. Nova recusa e nova intervenção do ajudante e do "manganello". Tambem desta vez não saiu queixa do velho. Suas filhas, de entre a multidão, gritavam: "Não matem papai! Não matem papai!"

Novo convite para que falasse e nova recusa. Mas, antes que o ajudante pudesse intervir novamente, as duas meninas conseguiram ainda uma vez romper a fila dos fascistas e chegar até o comandante.

— Não matem nosso pai! — suplicavam.

— Mas fale então! — gritou o comandante muito excitado — e não faça chorar essas duas inocentes!

O comandante começava a se comover, mas em sentido contrario! As duas filhas compreenderam que o pai se salvaria se falasse, e imploraram.

— Fale, papai, fale, vamos.

O que não pôde fazer o "manganello", puderam-no as lagrimas das crianças. O advogado decidiu-se a falar e subiu na mesa. Um grito de victoria ergueuse dos fascistas. Tinham vencido; o advogado ia falar.

— O bom governo de Mussolini, começou...

— Fale antes de tudo das iniquidades das democracias, interrompeu, irritadissimo, o comandante.

O advogado falou dessas "iniquidades"...

— Direi que traiste a Patria. O advogado o disse.

Os fascistas divertiam-se muito. Gargalhadas indecorosas, misturadas com insultos, coroaavam as frases uma por vez. Mas o olho atento do comandante impediu que os mais furiosos passassem a vias de fato.

— E agora, celebrai Mussolini — sugeriu o comandante.

E o advogado celebrou-o. Todos riam.

Foi nesse momento que sucedeu o que ninguém previa. Palido, vacillante, o advogado parecia dobrar-se sobre as pernas. Mas, num esforço, conseguiu endireitar-se, e, com todas as forças de sua pobre voz enfraquecida, gritou ao comandante: — Bandidos.

Depois caiu sobre a mesa, rigidamente como um cadaver.



Toda vez que tivermos a infelicidade de vêr o senhor arcebispo cumprimentar um novo interventor, podemos ficar convitos de que todos os cargos publicos que dizem respeito á educação primária serão ocupados por pessoas que não deixam de assistir á missa diariamente e que na "grande" sexta feira vestem o luto e observam o mais rigoroso jejum. Foi o que aconteceu com a escolha do atual diretor do Departamento Geral do Ensino, sr. Francisco Azzi. Dórvante, pois, todos os livros nos quais os alunos das escolas primarias deverão estudar terão o Nihil OBSTAT do censor e o IMPRIMATUR do senhor vigario geral.

Nesses livros a "grandeza e bondade de deus", "E' deus que fez todas as cousas", "Jesus é deus" e viceversa, serão repetidos da primeira á ultima pagina. E para nosso consolo e edificação, os homens de amanhã, cretinizados a la par do novo diretor, saberão de cór e saltado as ladainhas e as invocações á Virgem...

ATE' EU

## ELIAS MACHADO

ENGENHARIA CIVIL

R. LIB. BADARÓ, 30

## Variações sôbre o tema

(Continuação da 1a. pag.)

Então, os bandos sanguinários de Zankof estavam ainda in mente Dei. Começaram a se organizar mais tarde quando não havia mais razão para morrer de medo.

E depois de ter criado coragem, assassinaram covardemente Stambulski.

...

O salvador da ordem capitalista na Italia não foi Benito Mussolini. Foi Francisco Nitti. Houve um periodo em que a burguesia italiana se tinha já conformado com a idela de ir por água abaixo de um dia para outro. O mesmo Mussolini exhibia-se em traje de demagogo vermelho.

Só Nitti foi capaz de fazer o milagre, o milagre em que ninguém acreditava mais.

Salvou a situação, tapeando de um lado os chefes reformistas do Partido Socialista e, do outro, fazendo funcionar os fuzis da "guarda régia".

As matanças executadas pela milicia nittiana pouco ou nada tem que invejar nos assassinatos da milicia negra de Mussolini.

O "Duce" não passa de um aproveitador do trabalho feito por Nitti. Ele chegou quando tudo estava arranjado e desde aquêl momento, tornou-se um gigante da historia, falando por conta da "Columbia Pictures" e posando para o fotógrafo.

E Nitti, que é hoje o homem mais odiado pela burguesia italiana—recebeu como prêmio o desterro e a perseguição.

A. Z.

## Aos nossos amigos e leitores

Nêstes últimos tempos "O Homem Livre" tem sido publicado irregularmente. Nossos leitores devem tê-lo constatado.

Não queremos esconder a razão dêsse fáto. O nosso jornal está lutando com falta de recursos.

"O Homem Livre" não é financiado por ninguém a não ser por um grupo de anti-fascistas cuja bôa vontade tem sido apreciada e secundada por outros poucos amigos da nossa batalha.

E' preciso que esta publicação continúe na sua marcha. Devemos impedir que os fascistas e os reacionários assistam a quêda de mais esta trincheira da liberdade.

Queremos lutar ainda contra a peste negra que está desbordando das fronteiras do velho mundo para invadir também o Brasil.

Sabemos que os nossos inimigos estão fazendo esforços em todos os sentidos para ver-nos vencidos.. Mas a luta por nós encetada é importante demais para ser abandonada facilmente. Pedimos, porisso, aos nossos amigos não deixar apagar este archote levantado na defesa dos mais nobres ideais da humanidade.

A'queles que têm recebido o nosso jornal, rogamos que cumpram com o seu dever. "O Homem Livre" precisa de dinheiro para ser editado. A tipografia não trabalha de graça.

Aos que já fizeram alguma coisa em favôr do jornal, e a todos aquêles que comungam com os nossos ideais, pedimos, também, que auxiliem ainda, na medida de suas forças, a nossa obra.

Na administração de "O Homem Livre" encontram-se, a disposição dos amigos, listas de subscrições.

Os anti-fascistas de verdade devem demonstrar o fazendo algo mais do que deitar falação.

## Como se castigam os que mantem relações com Judeus

BERLIM, 31 (H.) — Os nazistas de Cassel trouxeram hoje em exposição pelas ruas da cidade um casal de jovens, êle israelita e ella cristã.

Acompanhava o casal a mãe da moça, que era tambem, assim castigada, por tolerar a presença do jovem junto de sua filha.

Em Marburgo, segundo informa um jornal desta capital, tambem foi applicado castigo identico a um casal nas mesmas condições.

## "MANUAL ORTOGRÁFICO"

POR UM PROFESSOR

Com prefacio de Medeiros de Albuquerque. Aprovado pela Federação das Escolas de Comércio de S. Paulo

PREÇO 12\$000

A' venda em todas as livrarias

Gráfico Editora Unitas Ltda.

## Drs. Bruno Barbosa e Silveira Melo

Advogados

Rua São Bento, 58 — 2.º andar

Tel. 2-3780

## Os maiores escritores alemães

## excomungados pelo 3.º Reich

O «Berliner Boersen Zeitung» acaba de publicar um suplemento literário em que, sob o título «O Olimpo derubado» explica porque o terceiro Reich de Hitler fez queimar as obras dos mais célebres escritores alemães. Alguns nomes universalmente conhecidos figuram nessa lista: Thomas Mann, laureado com o prêmio Nobel; seu irmão Heinrich Mann, romancista, autor de «O Professor Unrath» de que se extraiu o filme «O anjo azul»; Emil Ludwig, o biógrafo dos grandes homens; Fritz von Unruh, que se tornou pacifista em plena batalha de Verdun; Alfred Kerr, crítico muito conhecido; Erich Maria Remarque, autor de «Nada de novo na frente ocidental»; Stefan Zweig, etc.

## Thomas Mann.

Não é sem razão, que a opinião mundial proclamou Gerhardt Hauptmann e Thomas Mann os escritores mais «representativos» da Alemanha. Ambos foram coroados no momento em que sua importância — bem restrita, então, nas letras alemãs — estava em declínio, quando eles começaram a se sentir cidadãos do mundo, representantes de um liberalismo pacifista cuja floração espiritual se exprime no princípio amoroso da «arte pela arte».

A fraqueza, a vaidade levaram este «apolítico» a ocupar-se da política republicana. Ele havia pronunciado sua «alocução alemã» de triste memória, indo depois a Paris, entregar-se aos braços da «civilização» fraternal (que diferença inconciliável, mesmo nos termos, entre as duas concepções da cultura!) e procurar a reconciliação dos povos.

A mais «nobre» de suas obras, é seu livro «Walsungenblut», insulto ao tesouro das lendas alemãs, descrição erótica do amor incestuoso de dois gêmeos judeus. Portanto, não era isso um pecado de mocidade de Thomas Mann. Não, ele tinha já uma certa idade quando esse livro — que não se encontra na Alemanha senão em tiragem limitada — foi publicado diretamente na França, como obra francesa, intitulado «O sangue reservado», sem indicação do texto original alemão. Mann especulava o interesse dos franceses pelo «alto gosto» erótico.

## Emil Ludwig.

Uma eternidade parece ter decorrido que ouvimos pela última vez as palavras detestáveis, provocadoras, desse inimigo odioso de tudo o que é alemão. Ele partiu, morreu com as suas obras. Já é tempo da juventude alemã a que ele sempre se dirigiu, elevar-lhe o seu «monumento».

Ele e seus pares navegavam à superfície, após a revolução de 1918, favorecidos pelos dirigentes, admirados pelos burgueses liberais. Ludwig es-

creveu sobre os ensaios da guerra, um livro reconhecendo a tese da culpabilidade alemã; pintou o kaiser de modo a dar razão aos nossos inimigos; lutou contra a sombra de Bismarck para a reduzir à medida da humanidade banal.

Emil Ludwig representa de algum modo o «sumum» do que reinava entre nós depois de 1918. É o tipo do homem de letras de sucesso, da «estrêla» da sociedade internacional mundana e semi-mundana. Sua obra constitui a cena final da época liberal e progressiva. A ressonância não é heróica, mas repulsiva. O que é sincero em Ludwig, é o seu ressentimento, seu ódio (nascido do sentimento de sua inferioridade) contra tudo o que é popular, nacional, grande, elevado, contra tudo o que a mocidade alemã respeita hoje, e que se opõe ao pensamento mecânico, característico para os judeus, após o último século. Esse sentimento marcou Ludwig para sempre.

## Heinrich Mann.

Heinrich Mann havia movido guerra à hipocrisia da moral mundana e burguesa. Soube distinguir o bom e reprovou o mau; fez muito para sacudir o «decorum», mas não pensou senão nas classes superiores, sem ver que o proletariado tinha igualmente

necessidade de uma renovação moral. Sobretudo, não compreendeu que a liberdade gloriosa da ordem marxista, bem como a felicidade de se libertar das condições exteriores e interiores não passam de um falso idealismo, de palavras vãs. Ele não combateu as camarilhas de após-guerra, nem a fraseologia e as belezas da fachada dos homens que pretendem fazer a felicidade da humanidade. Preferiu as palavras enganosas de um falso humanitarismo, ao honesto desejo do povo que deseja permanecer, em frases, solidamente, no solo de sua pátria doada por Deus. Contentou-se, além disso, em pintar o erotismo desenfreado, sem o condenar. Heinrich Mann, assim, se associou aos que não sabem senão destruir.

## Stefan Zweig.

Stefan Zweig foi admirado como o «grande mestre do ensaio literário». Escreveu um volume que pretende falar de Kleist, de Goethe e de Nietzsche, isto é, dos mais nobres profetas, os mais audazes, os mais solitários da Alemanha. E que disse deles? Goethe teria abismado na noite sem ter nunca podido estabelecer o «contacto» com uma mulher. O fim de Kleist seria devido a certa tendência ao onanismo de que ele não se pôde desfazer. A obra de Nietzsche seria o produto de um sífilítico atacado de paralisia geral. O conjunto se intitula: «o combate contra o demônio». O mesmo Zweig nos apresentou em seguida com uma biografia de Fouché, esse «tratante acabado», esse «monstro da intriga» da época napoleônica. Fouché seria o protótipo do político em razão da sua «absoluta falta de caráter». Stefan Zweig não pode imaginar para si, de maneira diferente, um político; ignora que um verdadeiro político é aquele que se elevou e engrandeceu no meio do povo, para tomar responsabilidades. Jamais alemão algum convirá em que Zweig conheça a história. De Napoleão; diz ele que teria sempre desejado novas guerras, para engrandecer o seu poder pessoal. E que teria ido à Espanha à procura de uma coroa para o irmão.

Na realidade, Napoleão era obrigado a se defender, de todos os lados, do inimigo hereditário da França, a Inglaterra. Zweig desconhecia assim toda a política napoleônica.

## Heinrich Maria Remarque.

Remarque, além de repelir a guerra, põe-se à margem da solidariedade que une todos os alemães. O povo alemão nunca foi tão profundamente conculcado de si próprio como durante a última guerra. Mas Remarque nada disso sentiu. Não teve, portanto, a força de suportar a guerra como um momento do destino alemão, não a viu senão como uma desgraça pessoal; chora a geração destruída pela guerra — mesmo quando pode escapar dos abusos — mas tudo isso não passa de fraseologia, de expressão de um descontentamento pessoal.

## Uma crise de inteligência

NOVA YORK, 31 (H.) — O sr. Gejar, embaixador dos Estados Unidos em Berlim, fez, ao chegar a este porto, diversas declarações aos jornalistas. Disse que, a seu ver, o hitlerismo podia ser definido como uma crise de inteligência. Observou que os acontecimentos da Alemanha culminariam, quer com a restauração monárquica, quer com uma guerra geral ou ainda uma guerra civil.

## PELERIA

NOVA YORK

R. Bar. de Itapetininga, 50  
Telephone, 4-8942

## LITERATURA

## "CACAU"

por JORGE AMADO  
Ariel Editora — Rio.

Jorge Amado escreve na página antecedente ao primeiro capítulo do romance «Cacau», que recebemos, a insinuação «será um romance proletário?», que não se justifica, pois o leitor ou se importa com a classificação da obra literária e logo vê e sabe que o romance não pode ser obra «proletária», ou não se importa com a classificação e a pergunta insinuante cãe no vazio. Se ele quiz dizer de fato que a sua literatura é proletária, então, passa-se um atestado de burrice ao leitor e ao crítico que queira escrever sobre o romance. «Cacau» felizmente, não é uma obra de literatura proletária. Fracassando como romance, pelos fracos processos empregados pelo autor, parece que até propositalmente, no intuito de fazer literatura «popular», pelo excesso de banalidade, é a descrição regularmente objetiva da vida da gleba no mato baiano dos cacauzeiros. Não serve nem como propaganda para se tornar uma obra de literatura interessada, no sentido revolucionário, a serviço da luta de classes, e nem orienta nada.

O literato do Brasil, da França ou do Japão, não poderá fa-

zer literatura proletária. Esta só poderá existir num país onde haja uma superestrutura política correspondente, porque literatura como arte se ensina no mesmo grau de atividade cultural subordinada à estrutura econômica da sociedade humana onde se manifesta. A literatura de propaganda, a literatura revolucionária, é um meio de que se serve a vanguarda dos intelectuais de todo o mundo, para esclarecer bem as contradições existentes no regime da produção capitalista.

Não conheço em detalhe o ponto-de-vista do autor sobre este assunto. Mas acho difícil-me fazer mudar de opinião. Não faltam qualidades ao romancista como não falta afetação no seu romance, pretendendo, por exemplo, fazer-se impressionante com uma coleção de nomes pesados e de situações escabrosas dispensáveis. Esta nota não pode deixar de consignar que também o desenhista Santa Rosa não me agradou na maior parte das ilustrações que enchem o livro. Conquanto Santa Rosa me impressione bem em outras coisas que tenho visto dele. — G. F.

## AMERICA

Um poema de  
MARCEL MARTINET

América, América,  
Onde te encontraremos hoje?  
Que queres ser amanhã,  
Oh América?

A velha Europa,  
Demente e embriagada,  
A velha cega trágica se apunhala,  
Rindo e soluçando;  
El-la ajoelhada,  
Procurando em vão, na lama ensanguentada,  
O archote que, ao se desviar,  
Suas mãos deixaram por terra.

E tu, América, onde estás? quem és?

Com teus fabricantes de armas,  
Com teus fabricantes de ouro,  
Hoje enriquecida com os despojos da Europa,  
Pilhada, amanhã, por tua vez,  
Entrarás na dança insensata?

Dansa insensata, dança de morte!  
Liberdade, a tua aurora se apaga!  
Oh Ocidente,  
Depois da aventura germanica,  
(Oh Ocidente, escutas o tremor da terra?).  
Treme o solo debaixo da cavalaria cossaca,  
E se ouve, além, o surdo rumor dos passos  
Da velha Ásia despertada...

Oh liberdade sonhada,  
Oh sonhos de justiça,  
Oh novos tempos bárbaros!  
América, oh América, confluenta das raças,  
Jovem rio de águas eternas,  
Terra moça, terra desconhecida,  
Erguerás o archote  
E justificarás a estátua profética,  
A Liberdade iluminando o mundo?

América, onde estás? América, que queres ser?

Sobre a Europa exangue  
Reivam a Miséria e a Dor,  
A Loucura e o Ódio.  
América, oh América,  
Com que olhos nos vês?  
Abrigarás os proscritos,  
A Belesa, a Piedade, a Justiça feridas?  
Erguerás o archote?  
Reconstruirás as cidades?  
(Humanidade, não podes morrer!  
Alma humana, blasfemas!  
Desfaleceste, mas renaces  
E tornas a voar num céu rejuvenecido).

América, América,  
E' para que teus filhos a imitem  
Ou para que fujam horrorizados  
Que lhes mostres a nossa loucura?  
América, América,  
Terra moça, terra desconhecida,  
Terra da nossa angustia e da nossa esperança,  
— Oh nova esperança, esperança última, —  
E' a ti que, fremindo, elevamos a nossa alma,  
A ti, grande e obscuro campo de batalha,  
Nosso longínquo campo de batalha,  
E' a ti que elevamos a nossa alma de angustia e de esperança.  
Erguerás o archote?  
Construirás para a alma humana?  
Ou seguirás o nosso rasto de sangue?  
Quem és e que queres ser,  
Amanhã,  
América, oh América!

As mentiras  
do regimen

Os turistas enaltecem o regime fascista devido ao «maravilhoso» incremento dado à construção de estradas.

Segundo a opinião deles, antes que o homem descido do céu assumisse o poder, na Itália só existiam picadas de cabra...

No entanto, eis algumas cifras:

Antes do fascismo existiam na Itália cerca de 19.000 quilômetros de estradas de primeira classe. Hoje, existem 20.000. Portanto, em 10 anos o regime construiu pouco mais de mil quilômetros de estradas, dos quais, muitas centenas são de estradas de rodagem, luxo inútil para um país que tem poucos automóveis e em todo caso muito caro porque só se pode circular nessas estradas mediante o pagamento de um taxa de passagem que sobe a várias dezenas de liras por viagem.

A única obra importante levada a cabo nestes últimos anos é a melhoria do leito estradal sobre 7.800 quilômetros de estradas. Mas não é preciso incomodar a lirica para ressaltar uma obra que pertence à administração normal das estradas.

O regimen prófascista construiu 17.000 quilômetros de ferrovias custosíssimas, enquanto que o fascismo não construiu senão poucas centenas de quilômetros. Não ha nada de extraordinário no fato de ser empregada para os concertos e manutenção das estradas, uma parte dos fundos outrora destinados à construção de ferrovias.

A Inglaterra e a França possuem desde muitos anos um admirável sistema estradal com um desenvolvimento quilométrico muito superior ao italiano. Ninguém pensou em celebrar tal fato como uma prova da bondade do sistema democrático.

Por que algumas centenas de quilômetros de estradas lambuzadas de pixe podem constituir um título de gloria eterna para o «Duce»?

— Estes são misterios das épocas de escravidão.



## PÉLES KLIASS

BARÃO DE ITAPETININGA N. 44  
TELEPH. 4-4517

## Entrevista com o viajante que ficou observando a ditadura em Portugal pelo lado de dentro

A cisão ocorrida no partido socialista francês foi saudada pela imprensa oficial da Alemanha e da Itália com uma espécie de frenético e incômodo regosijo. Assim acontece com os coreas quando encontram um novo cadáver.

Sempre houve no partido socialista francês, como em todos os outros partidos social-democratas, uma não insignificante corrente ultra-chauvinista. A ruptura aberta e clara, não é sinão a consequência lógica de um processo em vias de maturação desde há muito tempo.

O fato é de uma importância transcendental. Os recursos demagógicos do fascismo aumentaram na medida em que o fascismo francês se foi desenvolvendo, uma vez que a França goza em todo o mundo de uma reputação que a tem como país clássico da democracia.

Ora, para o fascismo, a falência da democracia no próprio país que lhe deu nascimento, seria o último e esmagador argumento para derrotar de uma vez para sempre os seus inimigos.

Mas, o fascismo francês nasceu como uma contradição do fascismo alemão. Perante o fascismo alemão, a burguesia francesa prepara-se para a defesa contra um não impossível ataque. Dentro do quadro político do capitalismo, França e Alemanha não poderão jamais viver em paz. Ora, enquanto a política alemã foi uma política de democracia, a França não tinha que temer nada do lado da Alemanha. Hoje, porém, que essa política é uma política nacionalista, e portanto internacionalmente agressiva, a burguesia francesa não pôde deixar de mudar de direção.

E para mudar de direção, é preciso desencadear a luta da burguesia contra o proletariado, porque a política deste é internacionalista e não permitiria, tendo nas suas mãos o vasto aparelho de classe de que atualmente não dispõe, uma política de agressão internacional.

Se o delinear-se de um movimento fascista na França é ovacionado pelo fascismo como um auspício de mais longa vida é também indício seguro de que o equilíbrio político da Europa começa definitivamente a se desagregar e que entraremos numa nova época de conflitos internacionais.

Fl. S.

### A COOPERATIVA MOVEIS E TAPEÇARIAS

Rua José Paulino, 80-A  
Tel. 4-0918

### Obrigações — Bonus Promissórias

C. I. T. A. mantém um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos títulos públicos.

Fazem vossos negócios por intermédio de

C. I. T. A. LDA.

Direção de Percy D. Levy

São Paulo — Santos — Rio  
Caixa Postal 3740 (S. Paulo)

### AGENCIA BREMEN

Lgo. Sta. Efigénia, 13

Tel. 2-5413

Entre os viajantes que chegaram recentemente da Europa um não saiu de Portugal. Ficou em Lisboa observando a vida portuguesa, ou melhor, a ditadura em Portugal. No meio das lisongueiras impressões de viagem que todo o literato traz do Portugal de hoje, esse viajante me falou demoradamente sobre a ditadura portuguesa. E pôs em relevo a miserável situação política a que chegou a terra lusitana hoje. Vou reproduzir abaixo, sem lhe alterar nada, o quadro que esse viajante me traçou da situação política portuguesa:

A situação portuguesa se resume num único objetivo da ditadura: permanecer no poder a todo o transe. Para isso, 75% dos orçamentos são destinados às forças armadas, compreendendo aí a polícia, que é uma das armas mais poderosas da estabilidade da ditadura. Como complemento, os governos municipais estão entregues em sua grande maioria a oficiais do exército. E dentro dos limites desse poder ditatorial, a população portuguesa vive comprimida com mão de ferro:

«Matem-me antes!» é a divisa do ministro Salazar.

E vai para deante. Este homem, figura de primeiro plano no governo português, é um místico, pela sua absoluta incôgnita. Pisará antes sobre os cadáveres de todos os cidadãos portugueses, do que se arredará da linha traçada, para a sua carreira gloriosa, que salvará Portugal...

Nas ruas de Lisboa ou do Porto, aí de quem murmurar uma queixa sobre a política da ditadura! No mínimo, a prisão. Quando se interpela qualquer cidadão sobre um aspecto qualquer da política, o sentimento que logo desperta, é o de dó, porque o interpelado olha em torno, assustado, para ver se não ha alguém escutando ou espreitando.

E a polícia secreta age. E' o corolário da ditadura. Qualquer leve suspeita provoca o varejamento de casas, de residências particulares, a invasão aos hotéis e pensões. E prisões. E prisões.

Um tal sistema tinha de parar num esquadro. Aqui no governo Bernardes tivemos a Clevelandia. Portugal sob a ditadura tem a colônia de Timor, para onde são deportados médicos, advogados, jornalistas, engenheiros oficiais da Armada, do Exército e da Aviação. Ali vivem eles ou em choupanas de capim, ou abrigados sob barracas de lona...

Timor! E' o ponto final do «prestígio» em que se apoia a ditadura.

Falou-se em constituição Mas, sim, porque não?

Portugal também teria uma constituição.

A carta magna foi apresentada ao povo português para ser votada... Desde que o povo a aprovasse, a ditadura ficaria sete anos no poder, conforme a constituição. Se a constituição não fosse aprovada, então é porque o povo estava contente com a ditadura e esta deveria permanecer sem constituição. E nada haveria mais. A ditadura ficaria firme de todo o jeito.

Para servir a conclusões lógicas, o art. 4.º do regulamento da eleição era uma coisa deliciosa,

mostrando ao nú o cinismo da intenção: as abstenções seriam contadas a favor do governo... Um jornal que caiu na asneira de noticiar que 94% era de abstenções, teve a sua edição apreendida. E abstenção passou a valer como voto...

A proposito ha uma anedota: Certo camarada velusco casa com uma joven que poderia ser sua neta. Um amigo fez-lhe ver o despropósito. Justificando-se declarou impetuoso o ancião:

— «Fique sabendo que cumpro meus deveres conjugais todas as noites!»

O amigo muito se admirou de tal potencia e na primeira ocasião contou o caso á esposa. Esta, que era amiga da joven casada com o velho, certa vez felicitou-a. Sim, senhora! Seu marido apesar de velho... todas as noites...

— «Qual, desmentiu a moça. Foi isso só uma vez, e com muita dificuldade!»

Ciente o amigo da mentirosa afirmação do velho encontrando-o admoestou-o:

— «Ora, você declarar-me que todas as noites, hein?»

E o velho, replicando a historia, respondeu-lhe:

— «Pois sim, meu amigo... As abstenções, então, não se contam?»

Salazar, o sombrio ministro a quem Antonio Ferro andou cobrindo de adjectivos é solteiro e talvez não possa se casar, como Hitler. O sombrio é partidário da monarchia. E os monarchistas estão contentes com a sua ditadura. O grande homem de Portugal é um remanescente da mesma categoria dalguns desses doentios herdeiros do trono português, que tantas vezes infelicitaram o povo lusitano, como sanguinarios e absolutos senhores de barão e cutelo, e para os quais uma parte misticada da população ainda atiram os olhos cheios de esperança, no doce engano da alma que a fortuna não deixa durar muito...

Agosto 1933.

GERALDO FERRAZ.

## «Mês dos loucos e das crianças»

«si bem que o hitlerismo na Austria daria margem a uma fusão ou Monarquia dualista Austro-Alemã sob o sceptro dos Hohenzollern ou dos Wittelsbach, o que não seria, tal vez, muito vantajoso, os Habsburgos talvez venham a aceitar essa situação, mas só depois de haver sido restaurada a Monarquia Austro-Hungara, e quicá o Principe Oto venha a ser o novo Imperador do Sacro Imperio Romano que está em vias de ser instaurado em tempo que não podemos proêr ligando a Austria, a Hungria, a Alemanha, toda a Europa Central e, mesmo, a Itália com um possível casamento — já tão falado — com uma Princesa de Saboia.»

(Do «Seculo», de 27 de Agosto de 1933).

A redação do «O HOMEM LIVRE», não se responsabiliza pelos conceitos expendidos em artigos assinados ou com pseudônimo.

## CIÊNCIAS

# Raios X e Raios Vitais

Em 1929, o casal Gurwitsch constatou que um meio vivente, pôde, á distancia, influenciar um outro. Um bulbo de cebola em crescimento apresenta uma abundante cabeleira de raízes. Coloque-se verticalmente, isto é horizontalmente, uma raiz á outra, mantendo-se-a nessa posição por um tubo de vidro onde é introduzida. A ponta dessa raiz deve estar á distancia de 2 a 3 mm. da raiz vertical; e desde essa distancia ela influencia a raiz vertical.

Após tres ou quatro horas, corta-se a raiz vertical, com a navalha ou o microtomo, em fatias adelgadíssimas. Constatase então que toda a parte de raiz situada perto da ponta e da raiz horizontal, em suma, toda a parte submetida á zona de influencia da raiz horizontal, foi modificada no seu desenvolvimento; as células em crescimento dividem-se e a divisão celular é mais activa no lado exposto á raiz horizontal do que no oposto.

Para explicar esse fato, supõe-se que uma radiação emane do centro germinativo da raiz, radiação essa que tem a propriedade de excitar a divisão celular, a mitose.

Embora essas experiencias tenham surpreendido pela sua singularidade, não se lhes fez muito caso, até o momento em que, outros experimentadores não os retomaram e não descobriram que essa propriedade de ativação da célula não é uma especialidade da raiz da cebola. Outros corpos podem acelerar a divisão celular: por ex.: o encéfalo dos embriões dos sapos e das rãs, os ganglios linfáticos dos ratinhos, os microbios, etc.

Em suma, em todos esses corpos capazes de ativarem a divisão celular, apesar de seus aspectos mais disparatados, encontramos sempre um caráter comum: todos eles são corpos em estado embrionário, corpos em crescimento.

Na citada experiencia de Gurwitsch a radiação parece emanar de um ponto situado não á extremidade da raiz mas um pouco mais acima. E' o ponto vegetativo.

Cortando-se a extremidade da raiz de modo o suprimir o ponto vegetativo, a raiz torna-se inativa, e isso demonstra que é esse o ponto que possui a propriedade mitogenética. Triturando-se a ponta de uma raiz de cebola num recipiente contendo uma gota de agua, obtém-se uma emulsão que, quando fresca, isto é por meia hora, emite raios mitogenéticos.

Falo em raios porque essa propriedade parece mesmo devida á influencia de um raio. Essa influencia se exerce atravez do ar, numa distancia de pouco mais que 3 mm. em linha recta: a propagação do suposto raio é retilinea. Esse raio pôde se reflectir: ele atravessa as laminaes cristalinas do quartzo mas parece parar pela interposição de uma lamina de vidro ou da menor camada de gelatina.

Esses fatos levaram a pensar que os raios de Gurwitsch fossem da mesma natureza que os ultravioletas e tivessem um comprimento aproximativo de 2.000 angstroms. A unidade angstrom vale um decimo milésimo de micron, isto é um decimo milésimo de milésimo de milimetro...

Efativamente, expondo raízes de cebola á influencia dos raios ultravioletas de um comprimento de onda variando entre 1.860 e ... 2.670 angstroms, constatou-se o mesmo crescimento de divisão celular para bulbos expostos a raios V de um comprimento de ondas entre 1.900 e 2.000 angstroms.

Esta ação mitogenética, não é uma particularidade especial das

raízes de cebola: ela se exerce entre todos os tecidos vivos.

Assim, o casal Magnon pensou que as culturas de microbios tendo um poder de multiplicação rápida, deviam por consequente ser fortemente mitogenéticas. E constatou que culturas de bacilos têm a propriedade de excitar a divisão celular.

O casal Magnon repetiu a experiencia de Gurwitsch, pondo no lugar da raiz indutora um tubo de vidro contendo uma suspensão de bacilos tumefactes. O resultado foi positivo. Dos bacilos emana um fluido que acelera a divisão celular do lado influenciado.

Constatase também que ovos de ouriços de mar expostos a tal influencia, assumem formas anormais.

Hauser de Tahlé constatou que também os tecidos cancerosos, sobretudo os canceros jovens, têm essa propriedade. As partes velhas dos tumores são pouco ativas, sendo que as partes em crescimento é que têm poder mitogenico.

A gema do ovo, na região visível ao germem possui durante os cinco primeiros dias do desenvolvimento esse poder de excitação sobre a célula em vias de divisão, mas a clara é absolutamente inativa.

A gema ainda não modificada, os ovos não fecundados, são inactivos. Quanto ao embrião, os diversos órgãos são desprovidos de poder mitogenético até que o sangue não estiver formado.

Qual é a causa da radiação mitogenética?

O casal Gurwitsch, não apelou para o explicar a fluidos misteriosos e fóra da realidade científica. Pensaram simplesmente que se tratava de raios ultra-violetas e constataram que os raios ultra-violetas acrescem a divisão celular numa proporção de 25 a 28 0/0.

Supõe-se que a materia vivente emite uma radiação, como se admite a produção, em certos animais, de electricidade ou de raios luminosos.

Esta hipótese de Gurwitsch parece sustentar-se num certo numero de fatos:

Esse raio V, como os ultra-violetas, é suprimido pela interposição de uma lamina de vidro e subsiste pela interposição de uma lamina de quartzo.

Mas, contrariamente aos raios ultra-violetas, esses raios hipotéticos ou reais que sejam, não chegam a impressionar a chapa fotografica mesmo depois de uma pose de 48 horas. Pôde-se invocar a fraca potencia desses raios. Mas, contrariamente aos ultra-violetas, um extracto impressiona a chapa á condição de que esse mingau seja exposto á luz do dia.

Experiencias recentes fizeram com que se conseguisse revelar a radiação emanante de um ser vivente utilizando como receptor uma célula foto-electrica munida de um sistema amplificador, muito sensível.

E a origem dessa radiação seria devida a um mecanismo analogo ao do musculo em contração: ele deveria ser causado pela decomposição do plicogenio em acido lactico.

Outros experimentadores dão no entanto uma interpretação diferente.

Segundo a Srta. Choucrum não é uma radiação que age: e graças a um dispositivo especial que permitiria uma radiação homogenea dos ovos de ouriço de mar pelo meio de cultura, ela constatou que se tratava de uma ação á distancia, mas por uma emanção material ainda não conhecida.

Tudo isso é ainda misterioso pelo momento: se os fatos são certos, a sua explicação permanece ainda imprecisa.

EMILIO MALESPINE

# Mr. Roosevelt em busca da prosperidade

A observação superficial parece que nos Estados Unidos houve uma mudança mais radical que a simples mudança de métodos administrativos. Essa "revolução" que a facilidade apologetica dos jornalistas de meio mundo identifica com a ascensão de Mr. Roosevelt ao governo, é de fato a primeira tentativa de subordinar a economia americana a um plano de conjunto, e si os governos dos Estados Unidos não se têm distinguido pelo respeito á ortodoxia econômica, a administração atual é a primeira a elevar á altura de um plano sistemático o abandono dos canones tradicionais da política econômica capitalista.

A "experiência" americana não são porém dos limites que lhe são traçados pela experiência de capitalismo. O new deal, afinal de contas é um simples plano de inflação monetária e de crédito, com o objetivo deliberado de levantar o nível dos preços. Mas, mesmo munido dos poderes discricionários que lhe deu o Congresso, o presidente se guarda bem de abrir a comporta pois, aparte a depreciação do dólar, (modo clássico de aumentando os salários, conservar o nível do salário real), a política inflacionista do presidente não se traduziu ainda por uma expansão anormal da circulação ou do crédito bancário desde que não se leve em conta a inflação "normal" que vem da administração Hoover (deficit orçamentário, verbas para obras públicas, as operações da "Reconstruction Finance Corporation", e financiamento da "Grain Stabilisation Corporation", etc.).

Ao contrário, o presidente tem seguido antes uma política de amarrar os preços arbitrariamente em ascensão muito rápida, como foi o caso do trigo em que o movimento para a alta foi compulsoriamente limitado á razão diária de 8 cents. Aparentemente a política do governo tende á estabilização dos preços, mas é contraditória com o plano central da reorganização da indústria (National

Recovery Administration) que tem como objetivo elevar os salários e diminuir as horas de trabalho, ao mesmo tempo que limitar a produção. Mesmo que o presidente tivesse a faculdade de fazer parar a tempo a pressão das forças inflacionistas, as quais se manifestam tão violentamente (o índice da produção industrial calculado á escala da produção de 1923-25 revela o aumento de 56.6 em março deste ano para 64.8 em junho) que a continuar a alta na mesma proporção atual (1.5 o/o por semana, conforme o índice do "Bureau of Labour Statistics") no spriemelros meses de 1934 será alcançado o nível de 1926, mesmo que Mr. Roosevelt pudesse controlar o movimento para a alta, pelo recurso de elevar a taxa de descontos nos bancos, o aumento da produtividade por empresa e por operário acarretará um maior desequilíbrio entre a produção e o consumo, que Mr. Roosevelt tentará corrigir pelo recurso á racionalização intensa e a uma infrene competição no mercado externo, pois o "brain-trust" não inventou ainda a pedra filosofal do capitalismo, a adaptação da produção ao consumo.

O caráter compulsório dos métodos da "Nira" não impedirá pois que a indústria trustificada defenda a sua margem de lucro pela extrema mecanização do trabalho humano, o que virá a dar uma vaga colossal de desemprego, e pela defesa obstinada do mercado interno, o que resultará num protecionismo de proporções inauditas. Alta de preços, estreitamento de esquadros, insuficiência do mercado interno, guerra tarifária, competição no mercado mundial, desenvolve-se assim a sequencia implacável. Em ultima análise, a indústria americana ver-se-á forçada a... reduzir o custo da produção para baixar os preços. Nessa ocasião outro galo cantará a Mr. Roosevelt que fará a viagem de volta do país dos sonhos, com maior circunspeção, pois, tendo partido em busca da prosperidade terá voltado ao mesmo lugar com coisa muito diferente.

# A IGREJA E O FASCISMO

"Conta o fascismo brasileiro com um aliado natural, que o sustentará no momento preciso e que, por sua incontestável influência sobre as camadas retardátrias da população, torna ainda maior a gravidade do problema. Queremos referir-nos á Igreja Católica. Esta, como se sabe, foi sempre uma força reacionaria em todas as transformações sociais do passado, colocando-se invariavelmente, com instituição parasitária, ao lado da classe dominante. Dai a necessidade, vital para ela, de readaptar-se ás novas situações criadas, aproximando-se, depois dos fatos consumados, de cada nova classe detentora do poder. Ora, acontece que no atual estágio do desenvolvimento histórico, a Igreja compreende a impossibilidade de adaptar-se ao sistema social que sucederá ao capitalismo, uma vez que, como o desaparecimento das classes, se tornará praticamente impossível a sobrevivência de toda e qualquer instituição parasitária. Eis porque, continuando, como no passado, a defender sempre a classe que se encontra no poder, a Igreja Católica se vê obrigada a utilizar os recursos extremos, os "remédios heróicos", para a salvação da burguezia. Trata-se ai; para ela, de uma questão de vida ou de morte, pois tem um grande poder de discernimento e uma velha experiência política para compreender, com relativa facilidade, que á questão do desaparecimento do capitalismo está ligada a do seu proprio desaparecimento."

(Do Manifesto da Frente Unica Antifascista).

# O inominavel espirito retrógado do fascismo

Julius Streicher é um dos mais antigos membros do Partido Nacional - socialista alemão e como tal desfrutou grande prestigio no seio da sua ala "radical", de que é, aliás, um dos chefes. "O HO. MEM LIVRE" já o apresentou aos seus leitores num dos numeros passados, reproduzindo-lhe um artigo sobre os Habsburgos em que brilhavam a ignorancia mais crassa e ausencia quasi total de inteligencia. E para mostrar outra face da complicada personalidade desse respeitavel sub-fuhrer, publicamos hoje um trecho de artigo por ele assinado, em que, depois de pedir aos poderes constituídos que promulguem uma lei proibindo qualquer relação sexual entre individuos de raça "ariana" e "judaica", põe á mostra o igominavel espirito retrógado do fascismo:

"Existem ainda jovens que se declaram alemães e que, no entanto, continuam a se submeter aos repelentes desejos dos judeus. Já vemos que a simples notificação escrita ou verbal não é suficiente para reconduzir essas mulheres ao bom caminho. Por isso, o "Sturmer" se viu na obrigação de empregar contra elas um meio extremo: de ora por diante pregaremos ao pelourinho da vergonha publica todas as mulheres que ousam frequentar judeus, publicando-lhes os nomes e as fotografias. Se o sangue delas não se insurge contra esse imundo comercio com os degenerados, então é de se esperar que o medo da reprovação publica as obrigue pelo menos a se abster de tal promiscuidade culpável.

### NO PELOURINHO

O judeu Ernest Arstein, proprietário da casa Wellhofer e Cia., de Zirdorf, possui no numero 31 da rua Adler, um apartamento "feudalmente" instalado. Ali ele recebe mulheres alemãs, com quem, depois, passeia pela cidade de braço dado. Uma dessas descaradas alemãs, que considera uma honra o ter por amigo um Semita, chama-se Nge Maner, é moradora da casa numero 33 da Augustinerstrasse; não contente de oferecer o ignobil espetaculo de uma ariana submetida aos desejos de um degenerado ela tem ainda a audácia de ir em companhia de seu amigo aos estabelecimentos publicos de Nuremberg.

Anna Brehm, de 19 anos de idade, domiciliada á rua Karls, n. 73 - Goppingen - tem por amigo o judeu Breyer.

Evidentemente, os espancamentos que este semita sofreu não foram suficientes para endireitar nossa jovem Anna pois ela julgou necessário de se juntar a outro judeu, chamado Guggenheim. Todas as noites se pode ver essa pequena descarada procurar os cantos mais escuros das cocheiras em companhia desses dois judeus. Que ela se ponha em guarda: nem é preciso dizer o que lhe acontecerá e aos seus machos, se ela for apanhada em flagrante com eles.

("Der Sturmer", órgão da seção nazi de Nuremberg.)

# "O reino do aborrecimento e da imbecilidade"

"La Stampa Libera", jornal antifascista italiano que se publica em Nova York, insere em seu numero de 1.º de Agosto um interessante retrospecto da evolução das idéas políticas do "Duce", numa demonstração clara da "sinceridade" do homem de estado que fez da traição a sua profissão de fé.

Eis a coisa:

"Aos vinte e seis de março de 1914 toda a redação do "Avanti!" - o redator-chefe, os correspondentes de Roma e Nápoles, os redatores, o caricaturista e o gerente responsável - compareceu perante o Tribunal de Milão afim de responder pelos seguintes crimes: provocação, apologia do crime, calunias contra o exército e ofensas á pessoa do rei.

A população de Rocca Gorga, aldeia situada nas proximidades de Roma, estava em profunda agitação devido a questões sanitárias e civis.

Em 7 de janeiro de 1914 os camponeses, depois de uma reunião no "Circulo Sabola" descem á rua precedidos pelo tricolor. As mulheres gritam: "Viva Nossa Senhora!" Nas proximidades da Municipalidade, o povo se encontra com a tropa que estacionava na aldeia havia varios dias. Soldados e carabinieri disparam trezentos tiros e matam sete pessoas, dentre as quais uma mulher e um menino de cinco anos.

No dia seguinte ao da matança, o "Avanti!" publica uma correspondência de Roma sobre o fato, e um comentário da redação intitulado: "O assassinato de Estado". Artigos, correspondências mais detalhadas e caricaturas aparecem nos dias seguintes. Tudo isto fornece motivos para formular a acusação.

O processo dura 4 dias e termina com absolvição geral.

Antes da sentença, o diretor do "Avanti!", falando em seu nome e no dos demais acusados, faz breve declaração que termina com as seguintes palavras:

"E, agora, uma hipótese que não apresentaria a magistrados togados, que não têm o direito de ser inteligentes, ou pelo menos até aquela ausencia de preconceitos mediante a qual se pode conceber toda a verdade e toda a beleza das afirmações paradoxais.

Eu vos afirmarei que nos deves absolver, já não digo por não haver-mos cometido o crime, mas justa-

mente porque o cometemos e porque prometemos voltar a cometê-lo. IMAGINAI UMA ITALIA DE 36 MILHOES DE HABITANTES QUE PENSASSEM TODOS DA MESMA MANEIRA, COMO SE SEU CEREBRO HOUVESSE SIDO FUNDIDO NUM UNICO MOLDE E TEREIS...

O Presidente - Um manicômio. Acusado - OU ANTES O REINO DO ABORRECIMENTO E DA IMBECILIDADE.

O próprio rei, perante a existencia de 36 milhões de monárquistas sentia a necessidade de reclamar a existencia de um republicano como os cães de Aix-la-Chapelle imploravam o ponta-pé do forasteiro que trouxe se uma nota de variedade na monotonia de sua vida. É necessário que ao lado dos que dizem "sim", no lado dos que enaltecem o exército, existam os que o menosprezem, e que ao lado dos que celebram a sociedade burguesa, existam os que querem destruir essa sociedade.

Que importância têm as diferenças, as antíteses, as lutas? A unanimidade, a uniformidade, isso é acefalia, morte. Senhores, jurados, presta homenagem ao filósofo antigo, Heráclito, o melancólico de Efeso, que declarava: a luta é a origem de todas as coisas. Pois bem, deixai-nos lutar, dai-nos a liberdade de lutar e teréis prestado homenagem a um grande filósofo e a um principio maximo: o principio da liberdade!"

O homem que pronunciou essas palavras (BENITO MUSSOLINI, nessa época revolucionarissimo diretor do "Avanti!"), fundou depois o regime totalitário fascista para comprimir "num unico molde", o cérebro de quarenta milhões de italianos. Fundou o "regimen do aborrecimento e da imbecilidade da unanimidade, da uniformidade, da acefalia e da morte..." e colocou-se á sua frente.

O ponta-pé que não foi solicitado será algo diferente daquele que imploravam os cães de Aix-la-Chapelle, unidos da fecunda e genial imaginação de Henrique Heine.

CARLO PREDONI."

Malharia Loslowski

Rua José Paulino, 80  
Tel. 5-4163

# C. I. SOUZA NOSCHESI S/A

Rua Julio Ribeiro, 33  
Teleph. 9-0378 e 9-2167

SÃO PAULO  
Rua Libero Badaró, 15  
Teleph. 2-2966  
End. Telegr.: Fundação

Fabricantes de APARELHOS SANITARIOS E DOMESTICOS

# A A. B. I. contra o integralismo colhe louros no Norte

A Associação Brasileira de Imprensa está promovendo uma campanha idiota contra a reforma ortográfica. Em principio só a preguiça mental, bem característica dos nossos fracassados bachareis, é que pode ter gerado a campanha contra a reforma. Não se nega que pode haver divergência quanto ao valor intrinseco da reforma da Academia Brasileira, em comparação com a ortografia adotada em Portugal. Mas isso é outra história como dida o Inglês.

O que "O Homem Livre" quer aqui consignar como seu ponto de vista, sobre a questão, é que a reforma se impõe e deve ser adotada, pois sua aceitação, até onde podemos constatar, diariamente, é profunda, na massa mesmo do povo.

Acéltou-a de bom grado o professorado, e as novas gerações irão escrevendo conforme as suas regras como já o fazem há mais de um ano os alunos das escolas primárias. Só uma parte funebre dos nossos intelectuais é que pretende entrar a coisa.

É uma questão que só cabe ser discutida num país, como é o nosso, por culpa de uma dúzia de bôbo-alegres que vegetam nele. - H.

FORTALEZA, 21 (União).  
— Realizou-se, na "Phoenix Caixeral", uma assembléa geral, com a presença de seis-centos socios. Foi aprovada uma moção de desgardo ao conselho diretor que imediatamente abandonou o recinto, seguido por alguns associados, adeptos da doutrina integralista, que o mesmo conselho vinha tentando implantar.

A assembla geral decorreu, toda ela, num ambiente de vivo entusiasmo, sendo resolvido a entrega da direção ao conselho superior.

Os socios da "Phoenix" finda a sessão, deixaram o recinto, realizaram uma grande passeata pelas ruas da cidade, passcata que terminou com um comicio na praça Ferreira, onde falaram dois oradores, atacando o integralismo e defendendo a democracia.

Essa manifestação constituiu um golpe de morte contra o integralismo, cuja propaganda, aqui, estava sendo orientada pelo capitão Jehovah.

# 254 jornais estrangeiros proibidos de entrar em territorio allemão

"BERLIM, 25 de Julho - Telegrama para "The Free Press", de Nova York - Hitler firmou hoje um decreto proibindo a entrada de 254 jornais estrangeiros em territorio alemão.

A Tchecoslováquia está á testa da lista, com 66 jornais; seguem-se: a Austria, com 37; a França, com 31; a Suíssa, com 26; a Polónia, com 24; os Estados Unidos, a Holanda e a Rússia, com 9 cada um; a Bélgica, com 7; a Inglaterra e o Luxemburgo, com 5 cada um; a Dinamarca, Danzig e o vale do Starre, com 4 cada um; a Espanha, com 2; a Laponia, a Lituania e a Suécia, com 2."

Tipogr. Frankenthal  
Rua José Paulino, 48  
Tel. 4-8886

# O NACIONAL-SOCIALISMO E A CRISE ECONOMICA

(Lições da derrota do proletariado alemão)

É tão indiscutível que a crise econômica na Alemanha não foi atenuada em nada, mas pelo contrário, agravou-se. O recuo catastrófico do comércio exterior não poderá ser deitado tão cedo. O boicote estrangeiro já custou a perda de bons mercados à produção alemã, e o mesmo efeito foi obtido pelos esforços autárquicos de Hugenberg. A defesa da "agricultura alemã" exige sacrifícios sobre sacrifícios. O Elba oriental devora não só os recursos da classe operária, como também os mercados escoadores da burguesia industrial alemã. A tendência de desenvolvimento da economia germanica atual é a volta do mercado mundial para o leste do Elba, a terra dos bárbaros. Todas as condições existem pois para uma ulterior intensificação da crise no período mais próximo.

A agravação da crise acarreta naturalmente uma miséria ainda maior para a classe operária e as classes médias. O descontentamento e a indignação crescerão no seio das massas. Até esse ponto essa perspectiva é aceita por todas as correntes do movimento proletário. Para os jornalistas e teóricos da social-democracia como para os vértices do comunismo oficial a constatação disso resolve toda a questão: a agravação da crise, acarretando miséria ainda maior para as massas, e provocando consequentemente a sua indignação e o seu descontentamento, terá por efeito a queda automática de Hitler.

Esse otimismo de encomenda nada tem que ver com uma análise objetiva, marxista da situação. Ele apenas se baseia nesse raciocínio simplista: "O proletariado alemão ainda não lutou, logo ainda não sofreu nenhuma derrota. Na realidade, o que se passou na Alemanha não foi assim tão importante. Ininterruptamente, o proletariado continua na sua marcha revolucionária para a frente, só derrotistas e contra-revolucionários podem falar em derrota. A conquista do poder por Hitler representa ao mesmo tempo a sua derrota". Se se faz uma objeção a essa singular argumentação, respondem: "Hitler não resolverá a crise". De acordo com essa apreciação, estão os teóricos do partido de Bauer e os do partido de Thaelmann.

A própria direção do Comintern declarou em Maio último que "A ditadura fascista não tem nenhuma possibilidade de aliviar a miséria e a necessidade dos pequenos-burgueses das cidades e das largas massas camponesas... A bancarrota dos nacional-socialistas se dará muito brevemente... A ditadura fascista... não pode resolver nem uma só questão política e econômica da Alemanha de hoje. O triunfo atual da reação, da fúria do fascismo são fenômenos de curta duração. Os fascistas são reis de um dia. A sua vitória é uma vitória passageira, a que se segue a revolução proletária... (K. I., de 15 de Maio de 1933).

O otimismo dessas afirmações fanfarrônicas põe de lado completamente uma coisa: o papel do partido proletário. Falam dos efeitos da crise, mas não notam que, enquanto isso, o fascismo venceu na Alemanha e destruiu as organizações operárias, inclusive os seus partidos políticos, os seus clubes esportivos, as suas bibliotecas, os seus sindicatos, as suas cooperativas, os seus comitês de fábrica, etc., etc. De que maneira a indignação ou a revolta das massas tomará a forma de uma resistência positiva sem ser por meio de suas organizações de classe? Como pode ser organizada a resistência contra o fascismo sem ser por meio do partido de classe? Mas justamente estes fatores foram destruídos e estão sendo cada vez mais aniquilados e perseguidos. Os fanfarrões da emigra-

ção continuam a contar bravatas; para eles nada sucedeu aos seus respectivos partidos.

Mas isto não modifica a realidade triste dos fatos. A essência mesmo do fascismo consiste na destruição sistemática de todos os órgãos de defesa, de resistência da classe operária, consiste em que a sua ditadura tem por função exclusiva e absoluta quebrar até o fim qualquer ponto de apoio do proletariado, qualquer possibilidade de agrupamento deste. De outra forma não teria sentido a tomada do poder pelo fascismo, e as classes dominantes não se arriscariam para isso até a guerra civil.

A burguesia mesmo sabe que devido à profundidade da crise ela se encontra em uma situação tão difícil que equivale a uma ameaça direta à sua própria existência. Não lhe restava outro caminho do que cair nos braços do fascismo. O fascismo tem por tarefa salvar a existência da ordem social capitalista através dos abalos mais tremendos. Para a burguesia não há crise absolutamente sem saída, disse-o uma vez o fundador da terceira internacional. E precisamente, a atual tarefa de Hitler é encontrar uma saída para a burguesia alemã. E ele a encontra, na medida em que consegue lançar o proletariado em uma tal situação, que não dá a este a possibilidade de pensar em uma resistência séria e na medida em que consegue tornar a classe operária inofensiva para a burguesia.

Embora o fascismo não possa dominar a crise, o que é absolutamente certo, ele pode entretanto ajudá-la a sobreviver à crise, a atravessar a época com crise e tudo, a se manter nas suas posições privilegiadas através da crise. E tanto Hitler não pode vencer a crise, como esta sozinho não liquida Hitler.

Se jogar uma parte do peso de uma crise nas costas da burguesia, significa, para o proletariado, mesmo em

condições "normais", a mais intensa luta de classe, quer dizer, a mais alta atividade das organizações operárias (sindicatos, etc.) e do seu partido político, da sua vanguarda revolucionária organizada, na situação de hoje, em que a ordem econômica capitalista está no fim de seu latim, então nem se fala. A destruição, que foi levada a efeito, das organizações operárias significa a desorganização de vastas camadas do operariado, significa limpar o caminho para que a burguesia possa lançar todo o peso da situação sobre a classe operária.

## Mussolini e o engrossamento

Mussolini tomou recentemente a seu cargo o ministério da Guerra de seu país e a proposta a Imprensa fascista o eleva acima de Napoleão. Entre outras nojentas bajulações, escreveu esta o "Resto del Carlino", tal como a publicou "Le Temps" de 26 de julho último, e a traduzimos:

"Quem tenha visto, nas grandes manobras, o Duce, marchando à frente dos batalhões de infantaria, renovando assim uma atitude que era habitual aos "condottieri" e aos imperadores romanos, de Cesar a Trajano, jamais esquecerá os rostos orgulhosos e sorridentes dos soldados que tinham a honra de terem a seu lado aquele que sentiam o seu verdadeiro e grande chefe".

Cesar e Trajano não de ter sorriso de desdém, ante essa adulação de que eles mesmos, no período de seu maior esplendor não foram alvo nos tempos de decadência romana.

Esta tarefa, até o presente, foi resolvida contra o proletariado.

O fascismo não pode suprimir a crise nem a miséria, nem o descontentamento crescentes. Mas pode quebrar toda resistência e todo protesto que apareça. O fato da destruição das organizações operárias é um fator que não pode nem deve ser subestimado. Foi uma verdadeira catástrofe que caiu sobre o proletariado alemão já tão martirizado. A consequência desta catástrofe vai pouco a pouco se impregnando, com todas as suas consequências, na consciência do proletariado. O fascismo ainda está nos seus começos, os partidos de oposição ainda não tiveram o seu Matteotti. O terror sistemático está sendo metódicamente organizado. Todos os meios de organizar e efetuar o trucidamento dos elementos revolucionários, estão nas mãos dos fascistas.

Ao menor movimento de oposição os fascistas respondem com uma vaga de terror.

Resistir sob o regime fascista é outra coisa do que resistir antes da ditadura fascista. A questão precisamente da resistência é da maior significação para o exame das perspectivas de Hitler a respeito da crise: Procurar consolação na suposição de que a queda de Hitler virá automaticamente das dificuldades da crise é dar as costas ao marxismo, e cair num vago misticismo. É fazer uma política criminoso, proclamar que a ditadura fascista está para cair, e que os fascistas serão "reis de um dia". Isto significa auxiliar, praticamente, a aprofundar e preparar a forte depressão que vai dominando na classe operária. Não se pode analisar as forças da ditadura fascista sem partir fundamentalmente do estado das "forças" que ainda restam à classe operária. As possibilidades, por parte do proletariado, de atacar e de abalar seriamente o

sistema fascista dominante, não existem. Miséria e pauperização da classe operária ainda não querem dizer por si só, resistência proletária. Os últimos anos de crise já nos deram a esse respeito uma lição que deve bastar. A miséria do proletariado, que não conta mais com organizações de classe e que está em retirada, pode, as mais das vezes, significar maior depressão, maior derrota. E a consecução disto é justamente o fim do fascismo, e, ao mesmo tempo, o meio político da burguesia de sair da crise.

Quanto mais adiante vai o fascismo no seu trabalho de destruição de todas as outras organizações, tanto mais fraca será a vontade ou a possibilidade de resistência das poucas que ainda existem. E esta situação se reflete por sua vez sobre as divergências existentes no próprio campo do partido fascista. Naturalmente, grande parte dos adeptos do fascismo abriu os olhos, fato que até foi há muito tempo previsto pelo próprio jornal reacionário "Deutsche Allgemeine Zeitung". Mas durante esse tempo, o fascismo solidificou tanto as suas posições, que, graças ao seu aparelho, pode passar, sem impedimento, por cima da vontade e dos desejos de seus membros rebelados ou em oposição. Os esbirros de Hitler não se negarão em receber nos campos de concentração os nazistas descontentes. Não devemos esquecer que Mussolini depois de sua subida mandou atirar seus correligionários em Nápoles.

Hoje não se pode falar em organizações proletárias e anti-fascistas, dentro dos quais os elementos rebeldes do partido nazista sejam organizados. Pois, — e isto precisa de ser constantemente acentuado — a missão essencial do fascismo é precisamente a destruição de todas as organizações, de onde possam sair uma resistência qualquer ao regime nazista, e a luta extrema, por todos os meios, para evitar novas formações de tais organizações.

O fascismo não se encontra em decomposição, mas ainda em marcha para a consolidação de suas posições. As incursões destruidoras contra o proletariado ainda não acabaram. Ainda é preciso fazer parar a retirada desordenada do proletariado e pôr os agrupamentos proletários existentes em situação de escapar às próximas perseguições. Para isso, é necessário, porém, romper-se radicalmente com a propagação das falsas ilusões numa próxima derrocada da ditadura fascista.

Só o conhecimento exato das dificuldades e de toda a significação da catástrofe poderá encaminhar o proletariado, na nova situação que se aproxima, no justo caminho que o levará a desforra.

A questão da crise é, hoje, antes de tudo, uma questão de força política. É evidente que nenhuma ação econômica do fascismo trará a menor melhoria. Ações espontâneas e parciais do proletariado não terão forças para opor uma resistência mais séria. É preciso primeiro criar-se novos pontos de apoio político e organizatórios da classe operária, que sejam bastante fortes para escorar novamente a resistência proletária. A criação desses novos órgãos dirigentes da classe operária requer um longo e incansável processo. Através de todas as dificuldades, esses quadros proletários, capazes de arrancar o proletariado das garras do bandidismo nacional-socialista, serão forjados. Até lá, porém, a questão do "poder de Hitler e da crise" está íntima e inseparavelmente ligada à questão da "classe operária e a organização de sua nova vanguarda revolucionária, de seu partido".

R. M.

## O fascismo julgado por um seu adepto crioulo

"Sou dos que consideram o fascismo italiano como a única orientação política certa atualmente no mundo. É uma ditadura sadia e benfazeja, ou melhor, o regresso ao passado, à tradição do conservantismo, ao Estado acima de tudo.

O hitlerismo impede na Alemanha que se divulguem jornais estrangeiros no seu território. Não faço restrições a esse critério, e compreendo os rumos benéficos da Alemanha fascista. E tanto os compreendo que gostaria como brasileiro que daqui também se varressem, por nocivos à nacionalidade, os diários estrangeiros, que aqui se infiltraram como chagas no organismo do país.

Sorri co mmuito mais volupia o fascismo de Hitler do que ele ("Diário Alemão") derramaria pela garganta abaixo numa tarde tropical, um duplo na Thebaída."

(Artigo de Osvaldo Chateaubriand, no "Diário da Noite")

## O nazismo não é um movimento intelectual

"HITLER GOSA DA GRAÇA DIVINA"

NURENBERG, 1 (H.) — Antes da abertura das solenidades do Congresso Nazista, o chefe da Repartição da Imprensa do partido, sr. Dietrich, deu as boas vindas aos representantes da imprensa alemã e estrangeira. Em seguida, pronunciou longo discurso sobre a luta desenvolvida, pelo nacional-socialismo em prol da nação alemã.

"O nazismo — acentuou o orador — não é um movimento intelectual. É preciso senti-lo para chegar a compreendê-lo. Certo, sob o ponto de vista puramente liberal, é difícil compreender a nova Alemanha, que triunfou do liberalismo. Uma das mais importantes tarefas da imprensa mundial está justamente em lançar uma ponte entre as duas idéas, facilitando assim a compreensão internacional".

O sr. Dietrich exalçou então a personalidade do chanceler Hitler, observando textualmente:

"O FUNDO DA PERSONALIDADE DE HITLER SER-NOSA SEMPRE MISTERIOSO"

"O fundo dessa personalidade ser-nosa sempre misterioso, porque o homem que gosa da graça divina segue um caminho reto, do qual não pode afastar-se. O Terceiro "Reich" é orientado pelas forças de personalidade do "fuehrer".

LEIAM

"FREIE PRESSE"

ORGAN FÜR MENSCHRECHTE UND FREIHEIT

ANTIFASCHISTISCHE ZEITUNG

Rua do Carmo, 11, 1.º andar

Composto e Impresso na Typographia PAULISTA — J. Bignardi & Cia. — Rua Jandaia, 10 e 12 — S. Paulo

CASA MILION

ALFAMA TARIA E ROUPAS FEITAS

Rua Sta. Efigenia, 129

Frederico Gámbara ADVOGADO

Praça da Sé 6 — 2.º sob. Tel. 2-2167